

ANPV 1.567 1

RUA MONSENHOR ANTONIO MARIANO DA SILVA CAMARGO

Decreto nº 6705 de 29-09-1981

Formada pela rua 1 do Jardim Carlos Lourenço - 1a. parte

Início na rua Elias Abdalla El Banate

Término na rua Professor José Jorge Filho

Jardim Carlos Lourenço

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Francisco Amaral.

Protocolado nº 24.613 de 27-07-1981.

MONSENHOR ANTONIO MARIANO DA SILVA CAMARGO

O monsenhor Antonio Mariano da Silva Camargo nasceu em São Carlos, neste Estado, a 12-fevereiro-1915 e faleceu em Campinas, em 1981. Fez seus primeiros estudos em sua terra natal e aos 13 anos entrou para o Seminário Menor, em Campinas, passando depois para o Seminário Central do Ipiranga, em São Paulo, cursando filosofia e teologia, durante sete anos. Em dezembro de 1939, na Catedral de Campinas, recebeu das mãos de Dom Barreto, o sagrado presbiterato. No dia seguinte, rezou sua primeira missa, em sua terra natal, na presença de seus pais Alvaro e Sebastiana Camargo. Padre novo ainda foi escolhido pelo Bispo Diocesano de Campinas para ser seu Secretário, cargo que desempenhou à contento por dois anos, isto é, até a morte de Dom Barreto. O sucessor, Dom Paulo de Tarso Campos o conservou no cargo. Foi coadjutor da Catedral e Cerimonário da Diocese. Em 1944 foi nomeado pároco de Jaguariúna e em 1947, removido para a paróquia de Nossa Senhora das Dores, no Cambuí, em Campinas. Logo no início, começou sua luta para o acabamento da Matriz e a construção da casa paroquial, transformando, finalmente, numa das igrejas mais belas e ricas de Campinas. Em 1949 promoveu as Missões pregadas pelos Redentoristas, movimento que atingiu a cidade toda e repetidas em 1958. Ainda em 1949 foi nomeado Cônego do Cabido de Campinas e em 1961, Monsenhor, agraciado com o título de "Camareiro Secreto" do Papa João XXIII. Uma de suas últimas obras foi o Santuário do Menino Jesús de Praga, onde rezava missa todos os domingos. A matriz, a Casa Paroquial, o Santuário do Menino Jesús de Praga, a Capela S. Sebastião, seu incansável trabalho realizado nos Cursilhos, suas horas passadas nos confessionários e nas aulas de catecismo, suas visitas aos doentes e moribundos, cessaram quando de sua morte, a 15-julho-1981.

30 SET 1981



DECRETO N.º. 6705 de 29 de Setembro de 1981.

DENOMINA MONSENHOR ANTONIO MARIANO DA SILVA CAMARGO UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual N.º. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1.º - Fica denominada "RUA MONSENHOR ANTONIO MARIANO DA SILVA CAMARGO" a Rua 1 do Jardim Carlos Lourenço - 1.ª parte, com início na Rua 5 e término na Rua 7 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 29 de Setembro de 1981.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. JURANDYR POMPEO CAMPOS FREIRE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado N.º. 24613, de 27 de julho de 1981, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 29 de setembro de 1981.

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA MONSENHOR ANTONIO MARIANO DA SILVA CAMARGO

(Denominação dada pelo Decreto 6705, de 29-setembro-1981, à Rua 1 do Jardim Carlos Lourenço - 1a. parte, com início na Rua 5 e término na Rua 7 do mesmo loteamento)



FRANK MARK

Numa Apresentação de

Monsenhor Antônio Mariano da Silva Camargo
EM**HISTÓRIAS QUE O SUOR ESCREVEU**

"Vem o Segue-me..." 1-4-62

e a convite do Mestre, humildes pescadores de Galiléia, abandonando barcas e redes ao sabor das ondas, deixando tudo. O seguiram para a grande obra da evangelização dos povos.

Dois mil anos depois, o mesmo convite do Senhor foi ecoar no íntimo da criança de um menino, da cidade de São Carlos, cuja certidão de nascimento trazia os selos de uma dupla linhagem paulista: Amaral Camargo e Cistra Gordilho.

Antônio Mariano da Silva Camargo, penúltimo entre dez filhos, após os estudos primários naquela cidade, com apenas onze anos, veio certa vez, sozinho para Campinas, a fim de tratar de assunto referente ao Seminário. Alguns meses depois, de experiência, como coroinha de Mons. Loschi, na Catedral, foi pelo mesmo encaminhado para o Seminário Diocesano.

Primeira Missa

Completados os estudos ginasiais em Campinas, Antônio Mariano foi para S. Paulo, estudar no Seminário Central do Ipiranga, cursando filosofia e teologia, durante sete anos.

Repetiu em sua vida, o dia feliz de sua ordenação sacerdotal. Em dezembro de 1939, na Catedral de Campinas, recebeu das mãos do Dom Barreto, o sagrado presbiterato. No dia seguinte cantava sua primeira missa, em sua terra natal.

Os saudosos e venerandos Alvaro e Sebastiana Camargo, progenitores do neo-sacerdote, traziam nas lágrimas de emoção, toda a alegria da honra sublimar, em oferecer um filho ao serviço de Deus.

Primeiros Trabalhos

Padre novo ainda e Antônio Mariano, foi escolhido pelo bispo diocesano daquela época, Dom Barreto, para exercer as funções de seu secretário particular. Durante dois anos, desempenhou-se, a contento, de seus encargos, dedicando-se com carinho e atenção, aos seus encargos todos. Fiel à sua missão, acompanhou o artista campineiro até seus últimos momentos. Mais tarde, Dom Paulo de Tarso Campos manteve, igualmente, o mesmo padre como auxiliar direto e particular.

Se fardas agasalhar o pensamento do famoso Chanceler Rio Branco que dizia conhecer os grandes homens, pelos secretários particulares que escolhiam, podemos avaliar as qualidades de inteligência e de trato do nosso entrevistado, que nesse mister, serviu aos dois Ilustres preladados.

O Pároco

A primeira nomeação de pároco do padre Mariano, colocou-o à frente da vizinha cidade de Jaguariúna. Pequena e humilde, a paróquia mereceu a dedicação perseverante e generosa de seu novo vigário. Lá não havia casa paróquial, auxiliado pela generosidade de seus paroquianos, conseguiu construir uma residência modelar, que até hoje é apontada como exemplo. Consagrou-se ao trabalho do apostolado rural, levando a assistência religiosa a numerosas fazendas daquela região. Enquanto assistiu em Jaguariúna, nenhuma ocasião perdeu que contribuir pudesse aos progressos daquela cidade.

Aproveitando as horas de folga, viajava semanalmente para a cidade de Amparo, dirigindo lá os trabalhos da Ação Católica.

De tal porte foi seu ministério paróquial, que alguns anos depois foi transferido para a paróquia do Cambuí, em Campinas, como justo prêmio para seus esforços.

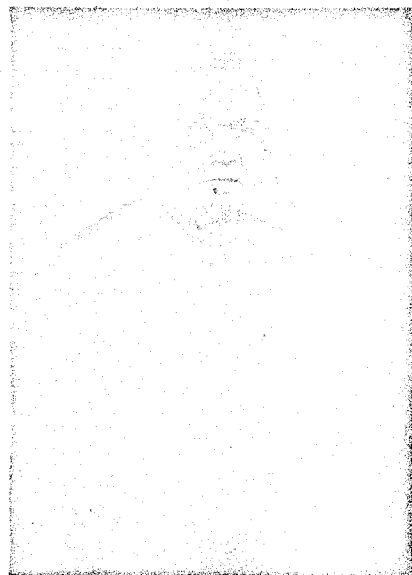
A Sua Grande Obra

Há em todas as classes, dois tipos de pessoas: as que falam muito e as que fazem. Padre Mariano é sobretudo um homem de ação. Dotado de um aprimorada sensibilidade de bom gosto, fixa feições nítidas desse pensar em tudo o que faz. A simplicidade do artista que padere da angústia da perfeição, sempre, sentese mal quando não consegue o mais perfeito em seus trabalhos. Não sofre que no culto divino empregasse material de segunda.

Recebendo a Igreja de Nossa Senhora das Dores, ainda em construção, pôde imprimí-lhe a forma perfeita de um trabalho mais funcional e de um acabamento a todas as luzes, além de todos os ornamentos.

De que materiais, de que linhas, de que insinuas suportou ao correr de quarenta anos, só mesmo Deus é quem sabe. Durante anos, vem chegando a ver, ao pedir, em todos os tempos e modos. Sua única fonte de renda, a generosidade popular. E que dizer do rosário interminável de duplantes e pagantes? E que pensar da crítica gráfica dos desavizados, quando não da queixa silenciosa dos malcontentes, jamais prontos para colaborar, semão típicos em explorar o suposto aspecto "comercial" e "interessante" da obra em apreço?

E com viva ênfase, que Monsenhor Mariano se lembra da grande generosa que recebe, logo nos primeiros meses de trabalho, de duas piedosas famílias do Cambuí. A ajuda inesperada mudou e incentivou a prosseguir com os obras da Igreja. Hoje, se fosse deitar nomes — diz ele — seria interminável a lista dos benfeitores que atendem profundamente aos seus apelos.

**Um Sermão Diferente**

Por sem dúvida a Igreja do Cambuí, a mais artística e primorosa de toda a arquidiocese, e ao dizer de gente culta e viajada, uma das mais belas do Estado, é no seu rico acabamento, na precisão de suas alfaias, no asseio de sua conservação, na utilidade e originalidade de sua sacristia — uma pregação viva, um sermão diferente, que fala na linguagem literal de arte, sobre o grande espírito de fé que anima a alma seu edifício e de generosidade de seu rebanho.

Monsenhor Mariano ensina e prega pelo exemplo. Sua Igreja — tão limpa quanto a alma de uma criança recém-batizada — fala da presença de Deus. Para Ele, tudo de bom e do melhor. Nada de mesquinhez, falsificação, carregação, etc.

Certa feita, um paroquiano do Cambuí dizia-me que se lhe faltassem os argumentos da Bíblia e da Igreja sobre a presença de Cristo na Eucaristia, se lembrasse, ainda, a prova insofismável do espírito de fé de seu pároco, assistido no confissão e no cuidado que consagra a sua Igreja. Um homem não luta, não sofre por uma quimera, senão por uma grande verdade.

Vida Espiritual

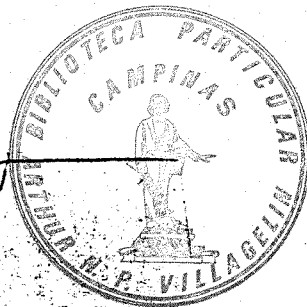
Dedicando-se ao templo material não se esquece Mons. Mariano do templo mistico das almas. Há quinze anos, sempre, vem — por todos os meios — procurando manter e alto nível espiritual de sua paróquia. Nos domingos, as nove missas tornizam a presença de quase cinco mil fiéis. Diariamente, há quatro missas em sua Igreja, com quase trezentas comunhões. Ao correr do ano promove conferências, semanas de estudos, missões, pascuas, viagens públicas, etc., etc.

Entregando-se com profundo zelo ao pastoreio de sua grei, impoñdo-se ao respeito e a admiração de todos, padre Antônio Mariano foi, recentemente, nomeado pela Santa Sé com o título de Camareiro Secreto de Sua Santidade o Papa João XXIII. Merecida honra que preenche sua íntima consagração ao serviço divino.

Humilde e despretensioso, alheio às coisas mundanas e seculares, Monsenhor Mariano — em que pesem as aparências — é realmente um padre abnegado e sobretudo pobre. Tudo o que recebe empreza, religiosamente, ao seu Templo, mantendo seu elevado padrão de asseio e arte, espendendo-se em proveito de todo necessário, segundo as leis canônicas e litúrgicas. Nada possui seu, em matéria financeira.

P. S. MONSENHOR.

De futuro quando se escrever a história de Campinas de hoje, converter-se-á em tema obrigatório, a presença desse monumento de arte e de beleza, dessa autêntica profusão de fé e de cristão, criada em plena desolação de seus trabalhos pastoreais. A Igreja do Cambuí, motivo de orgulho e de honra para os habitantes desta cidade dos homens, tem de honrar e de gloriar para os moradores da cidade de Deus.



Monsenhor Mariano

Maria Thereza J. de Barros

Mons. Antônio Mariano Silva Camargo nasceu a 12 de fevereiro de 1915, em São Carlos, onde fez seus primeiros estudos. Na Matriz local foi batizado, crismado e recebeu a 1.ª comunhão.

Aos 13 anos entrou para o Seminário Menor, em Campinas, passando depois para o Seminário Maior de São Paulo. A 3 de dezembro de 39 foi ordenado por D. Barreto que o ungiu Ministro do Senhor, imprimindo-lhe para a eternidade, o caráter de padre. Esta data e a de seu batismo, ele comemorava com grande piedade e alegria quase pueril.

Foi secretário de D. Barreto e de D. Paulo, Coadjuvador da Catedral e Cerimoniário da Diocese. Em 1944 foi nomeado Pároco de Jaguariúna e em 47 removido para a Paróquia do Cambuí, em Campinas.

Lançou-se ao serviço de Deus como cura das almas, ao acabamento da Igreja e a construção da Casa Paroquial. Lutas, campanhas intermitentes para angariar fundos, sempre contando com a generosidade dos paroquianos e amigos. Contas a saldar, insônias, angústias, durante mais de 15 anos. Mons. Mariano queria oferecer a Deus um Templo magnífico, para o seu louvor. Conseguiu. Campinas tem hoje uma das igrejas mais lindas do Estado. Tudo que há nela fala do homem exigente, de sensibilidade artística e sobretudo piedoso: os altares, os vitrais, os sinos, o órgão, o relógio holandês, a sacristia com suas belíssimas alfaias e paramentos. E o batistério, onde o catecúmeno torna-se cristão?

Mons. Mariano não fez menos pela vida espiritual de sua Paróquia. Em 1949 promoveu as Missões pregadas pelos Redentoristas, movimento que atingiu a cidade toda. Repetiu-as em 1958.

O ano litúrgico desenrolava-se no maior fervor paroquial. Tudo previsto e elaborado com carinho: quaresma, vias-sacras públicas, semanas santas, mês de maio soleníssimo, primeiras sextas-feiras com Horas Santas e as comunhões dadas de 15 em 15 minutos, desde às 5h. da manhã! A menina dos seus olhos, como dizia, era o catecismo paroquial, ao qual se entregava de corpo e alma. Promovia a Novena de N. S. das Graças todos os anos, em clima de verdadeira Missão! Através dela recebiam-se graças incalculáveis e até conversões.

Era de grande festa o dia em que Mons. Mariano comemorava as 50 mil comunhões distribuídas na Paróquia. Chamava-o "Dia Aureo". A Igreja resplandecia de luzes, flores e velas; os sinos tocavam o dia todo e, a noite, ao som do órgão, cantava-se o "Te Deum".

A festa da Sagração da Matriz, nunca se viu igual, em Campinas, tal o esplendor de sua pompa litúrgica. No dizer do P. Milton Santana, Mons. Mariano era o homem da pompa, sim, mas, da pompa para o Senhor.

Em 1949 foi nomeado Cônego do Cabido de Campinas e em 61, Monsenhor, agraciado com o título de "Camareiro Secreto" de João XXIII.

Trinta e quatro anos de paróquia! Amado, querido por uns, criticado, combatido por outros, permaneceu em seu posto, do qual a longa doença não conseguiu afastá-lo; só o conseguiu a morte que no dia 15 de julho último, o levou para o Senhor!

Em seus últimos momentos pediu a Unção dos Enfermos e lembrou que queria ser enterrado com os paramentos que usara em sua Ordenação. Quis entregar ao Pai, o espírito alimentado pelos Sacramentos; e o corpo revestido da túnica sacerdotal. "Totus tuus".

A Matriz, a Casa Paroquial, o Santuário Menino Jesus de Praga, a Capela S. Sebastião, seu incansável trabalho realizado nos Cursilhos, suas horas passadas no confessional e nas aulas de catecismo, suas visitas aos doentes e aos moribundos, seus amigos, tudo e todos testemunham sua vida dedicada a Deus.

"Jaz cadáver, defunto e ainda fala", diz a Sagrada Escritura. Mons. Mariano falará sempre. Falará pelas suas obras para que o Pai seja glorificado.

Mons. Mariano, sua Paróquia quis lhe prestar esta homenagem. Mas, as palavras não conseguiram dizer nada do padre que o senhor foi. Nada do seu íntimo, da sua alma, dos seus pensamentos; das virtudes que o senhor possuía em abundância. Só Deus saberá julgá-lo: "Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, meus juízos não são os vossos juízos..."

Nós lhe agradecemos, Mons. Mariano, pela sua vida transformada em dom.

(Denominação dada pelo Decreto 6705 de 29-setembro-1981, à Rua 1 do Jardim Carlos Lourenço - 1.ª parte, com início na Rua 5 e término na Rua 7 do mesmo loteamento).



O leitor no Diário

Monsenhor Mariano

Sr. Editor:

Mons. Mariano S. Camargo, que acaba de deixar seus amigos desolados e tristes, ofereceu dimensão oculta que só agora quero revelar, não por ufania de quem não vive mais no tempo, porque começou viver na Eternidade.

Partê do povo de Campinas conheceu Mons. Mariano, exigente, severo, intransigente, parte porém, do povo de Campinas, tinha, por certo, que Mons. Mariano era aquilo que era e não o que muita gente pensava.

Ninguém mais do que eu posso revelar aos seus amigos e aos que não o eram, a face oculta de Mons. Mariano, porque privei de sua intimidade, desfrutei de sua caridade durante 5 anos.

Ficando sem paróquia, Mons. Mariano me procurou e disse: "Minha Paróquia é sua". Sua Igreja e sua Casa Paroquial, durante um lustro foi a minha Igreja e a minha Casa Paroquial.

Com quanta caridade me socorreu monetariamente e maior caridade, suportou os meus sermões taxados de violentos e subversivos. Nunca me chamou atenção.

Era assim o Mons. Mariano para com seus colegas. Que digam seus colegas do interior, que o convidavam para cerimônias. De ânimo pronto, a todos atendia correndo por sua conta as despesas do automóvel, da condução.

Altivo para com os prepotentes afidalgados, humilde para com os humildes, que o procuravam, em diversas necessidades.

Homem de fé, do culto, e dos paroquianos.

Em que pese a aparência de uma Igreja luxuosa, em que vivia, seus cuidados de pastor se estendiam aos bairros, aos sítios e fazendas.

A liturgia, o culto público prestado ao Senhor, "O Opus Dei", o Serviço de Deus, era o ponto forte de sua espiritualidade.

Toda púrpura, todo ouro e toda a seda era para o Senhor. E por que não?

Para ele: Deus é o Senhor, honra e glória!

Com que espírito de fé, presidia as cerimônias do Templo que ele dizia ser a sua igreja, com que seriedade se debruçava sobre o paroquiano aflito que o procurava; com que unção visitava enfermo nos lares e nos hospitais.

O Santuário do Menino Jesus de Praga, tão da religiosidade do povo de Campinas, nos seus momentos de angústia e de dor, foi o que me parece, a última obra de vulto feita pelo querido Mons. Mariano, agora falecido.

Mons. Mariano foi vítima do seu paroquiato, seu amor ao seu povo, este povo que ele tanto amou, não com louvaminhas, mas com a Eucaristia, celebrada cada domingo das 5 da manhã até a metade do dia. O dia, ele tinha o seu dia áureo, era o dia do ano em que perfazia o número de 50 mil comunhões distribuídas.

Ao Mons. Mariano, bem o entendeu o seu Bispo, D. Gilberto Pereira Lopes. Não o retirou da Paróquia. Respeitou-lhe o paroquiato. Deixou que os seus paroquianos mesmos, o fizessem, levando-o ao Campo Santo, depois de ter sido devorado, como zeloso pastor consumido. — Padre Milton Santana.

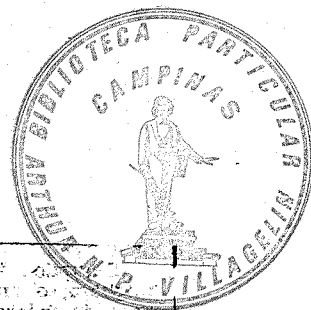
Mato perigoso

Senhor redator:

Venho reclamar através deste jornal sobre um terreno localizado na Avenida Bernardino Kaplan, no Parque Brasília. A área em questão era um eucaliptal que recentemente foi cortada.

Ocorre que os brotos que ficaram estão altos (quase da altura de um homem), e o local está se tornando esconderijo de vadios e marginais. Os moradores das imediações estão preocupados com o fato, pois defronte ao terreno existe um ponto de ônibus. Para agravar ainda mais a situação, muitas crianças são obrigadas a cruzar o terreno para ir à aula, já que a escola se situa na parte baixa do bairro. Antes que algo de mais grave possa acontecer, gostaríamos de pedir medidas urgentes ao prefeito, no sentido que se intime o proprietário daquela área para limpá-la.

Grato pela divulgação
Silvio Franco



do Povo

confiança e sua amizade. Ainda que bastante jovem foi o amigo querido daquela alma nobre que era Dom Barreto.

Nomeado pároco da Igreja de Santa Maria, em Jaguariúna, lá esteve por pouco tempo. Mas, nesse "pouco tempo" muito realizou, muito trabalhou e lá deixou marcas da sua passagem, prometendo muito no Sacerdócio que cresce e, naturalmente, muito glorificava a Deus.

Em 18 de julho de 1947 veio para a Paróquia Nossa Senhora das Dores. Encontrou a Igreja em fase de construção. Ele escolheu tudo: altar, Batistério, Confessionário, mármore, vitrais, como só é capaz de fazer quem ama a Deus e quer glorificá-Lo.

E depois, o seu trabalho com as almas! Como padre ele foi sempre o bom pastor, aquele que conhecia as suas ovelhas, cuidava delas, vivia para elas com toda a intensidade.

Queria o esplendor nas Celebrações, tudo bonito, tudo limpo para dignificar a Casa de Deus.

Na administração dos Sacramentos do Batismo, Confissões, nas Primeiras Comunhões, na solicitude para com os enfermos, ele consumia as horas do seu dia, sem medir esforços.

Nas celebrações, as suas homilias deixavam sempre uma Mensagem, um testemunho da Fé que enriquecia o seu coração. E sempre terminavam com uma palavrinha à Nossa Senhora. No mês das Vocações Sacerdotais, nas comemorações do mês da Padroeira, na Novena de Nossa Senhora das Graças, na Semana Santa, no mês de Maio e o ano todo, Monsenhor se dedicava a programar as festas litúrgicas.

Louvando a Mãe, quis também deixar uma homenagem ao Filho. Construiu, organizou e muito trabalhou no Santuário do Menino Jesus de Praga, onde celebrava aos domingos.

Sai que muita gente que leu o que escrevi concorda comigo e sente-se feliz, muito feliz, naquela felicidade verdadeira, que só de Deus nos vem, quem passou os 34 anos de sua vida guiado, orientado por Monsenhor Mariano.

Quanto agradou a Deus na sua perfeita resignação, procurando superar as deficiências de sua saúde nos últimos dias de sua vida sacerdotal.

Deus, nos seus insondáveis mistérios, reservou-lhe no Céu, aquela visão beatífica, para melhor vislumbrar a obra maravilhosa do seu sacerdócio.

MONSENHOR MARIANO

Escreve-nos Maria de Camargo Andrade:
Sr. Redator:

"Não posso deixar de transmitir aqueles que foram amigos de Mons. Mariano e também aqueles que não tiveram a felicidade de conhecê-lo melhor, uma feliz apreciação de sua vida.

Certa vez, um de seus amigos disse, brincando, uma verdade: "acho que o Monsenhor já nasceu padre".

Tive a felicidade de conhecer e conversar bastante com D. Sebastiana, a feliz mãe de Monsenhor. Ela falava muito do seu filho: era o mais bonito, o melhor aluno e depois, aquele que ficou com os pais e lhes era muito carinhoso.

Desde criança era piedoso, gostava de ir à Igreja e logo que a idade permitiu, foi para o Seminário.

Ordenou-se muito cedo, porque foi sempre um excelente seminarista.

Foi designado para secretário particular de Dom Barreto, então bispo de Campinas, até o seu falecimento, conquistando a sua

(Recorte da secção "Coluna do Povo", do jornal
"Correio Popular", de 30-julho-1981)